

1=1

Anne Carson

Caderno de Leituras n.185 / 2025

1=1

Anne Carson

Tradução de **Cecília Rocha**

Nota da tradutora

O texto original, em inglês, foi publicado no livro *Wrong Norma*, de Anne Carson [Nova York: New Direction, 2024].

Antes que os outros se levantem, alvorecida, ela caminha até o lago ouvindo Bach, o primeiro exercício para clavicórdio, que será tocado em seu funeral algum dia, é seu plano desde quando escutou a música pela primeira vez, e pensando nisso ela chora de leve. O lago é açoitado pelo vento e as marés (um lago grande) fazendo o que as marés fazem, ela nunca sabe se entram ou saem. Há um homem na margem e um cachorro grande nadando de volta para ele, graveto na boca. Isso se repete. O cachorro não se cansa. Ela enfia uma touca de natação na cabeça, óculos, entra na água, que está fria, mas não demais. Nada. Ondas altas numa direção. O cachorro sumiu. Agora ela está sozinha. Há uma pressão mental para nadar bem e usar a água corretamente. As pessoas pensam que nadar é algo descontraído. Só um mergulho! Na verdade, envolve muita ansiedade. Cada água tem suas próprias regras e propostas. O mau uso é difícil de explicar. Talvez envolva aquele esforço comum para conhecer a beleza, conhecer exatamente a beleza, se colocar bem em seu caminho, estar no lugar perfeito para ouvir o rouxinol cantar, ver o noivo beijar a noiva, cronometrar o cometa. Cada água tem um lugar certo para estar, mas esse lugar está em movimento, você precisa continuar encontrando-o, continuar fazendo com que ele te encontre. Seu próprio movimento te afunda dentro e fora dela a cada braçada. Você pode fracassar a cada braçada. O que isto significa, fracassar?

Depois de um tempo, ela sobe nas pedras, coloca pequenas nadadeiras, volta a entrar na água. A diferença é como a diferença entre vislumbrar uma coisa bonita e encará-la. Agora ela pode fluir com a água e ficar lá. Ela fica. É uma das pessoas mais egoístas que já conheceu, pensa nisso enquanto nada e depois, na praia, enrolada na toalha, tremendo. É um aspecto da personalidade difícil de mudar. Gestos generosos, quando ela os tenta, parecem golpear a vida dos outros como uma pata de urso aleatória, muitas vezes piorando as coisas. E ela não sente entusiasmo nenhum na partilha, na benevolência, na caridade, nenhuma interação com outra pessoa jamais lhe trouxe

um raio de pura vitalidade como entrar na água numa manhã silenciosa com o mundo vazio em todas as direções até o céu. Essa primeira entrada. Cruzar a fronteira da consciência para dentro, para dentro do quê?

E então a (ela procura) *instrução* para se equilibrar na água, os dez mil ajustes de ação vívida, a mescla de mente e tempo para que ela não esteja separada quilômetros e quilômetros de sua vida, observando-a se desdobrar de diferentes maneiras, mas *dentro* da vida, *como* vida, *vida*. De forma alguma como uma meditação – analogia comum – mas quase forense. Uma aplicação da atenção, ao mesmo tempo autônoma, modos não mutuamente excludentes. Nadar tem uma pedregosidade, a água sendo tão diferente do ar quanto as pedras. Você encontra o seu caminho entre suas estruturas, sua antiguidade, sua história como entidade que não te responde, mas ainda assim é cúmplice na intrusão. Ali você não é uma pessoa e a água não se interessa por si mesma, as pedras não se importam se você conta a história delas gentilmente – ou a sua. As entranhas irracionais, a sorte no jogo, o amor da sua mãe, símiles bem elaborados, tudo se perde no deslizar de profundidade a profundidade, puro, impuro, sem compaixão. Não há renúncia nisso (cf. meditação), nenhum esforço de desapego, todas as coisas que você pode nomear, simplesmente somem. Significado some.

A visita dela ao lago termina. De volta em casa, os jornais, as fotos de primeira página de um vagão de trem na Europa, abarrotado do chão ao teto com vítimas que escaparam de uma zona de guerra mais ao sul, pessoas a quem foi negada a passagem. Famílias imundas e almas desesperadas apertadas umas contra as outras se esforçando para sobreviver, incontáveis braços e pernas, olhos esbugalhados, trancados a noite toda no trem esperando a alvorada, uma cena tão antitética à sua própria manhã que ela não consegue pensá-la. Que sentido faz essas duas manhãs existirem lado a lado no mundo em que vivemos – se é que isso deveria ser formulado como uma pergunta – não poderia ser respondido pela filosofia ou pela poesia ou pela economia ou pelo raso e profundo de sua própria mente, ela teme. Palavras como *lógica* se tornam, digamos, risíveis. Lógica tem a ver com coisas compostas – migrantes, nadadores, os egoístas, os condenados, o plural –, mas a existência e o sentir pertencem à singularidade. Frases são estratégicas. Elas te deixam escapar.

Ela desce as escadas e vai até a varanda, esperando que lá esteja mais fresco. O trânsito corre intenso. Chandler está na calçada desenhando com giz. *Camarada Chandler*, ela diz. Ele não levanta a cabeça. *O que está desenhando?* Ele continua rabiscando. Seu olhar está adiante e para dentro. Ele mora em algum lugar nos fundos da casa, fala pouco, desenha muito. Ela o chama de Camarada porque andava lendo livros russos no verão em que o

conheceu e ele lhe pareceu reservado. Foi um erro. Ser reservado implica uma preocupação com a própria personalidade. Você dificilmente veria Chandler entrar num cômodo, ele apenas está lá, ou sair de um cômodo, ele escorre, uma pequena maré de pessoa, percebida como uma retração.

Ela se aproxima. O desenho é uma pereira. Ela pode ver as peras por toda parte, pequenos globos verdes perfeitos feitos de giz com reflexos amarelo-creme-branco. Ela quer se inclinar e mordê-las. *Você acertou em cheio, Camarada*, ela diz. Ele não responde. Uma vez eles tiveram uma conversa, que se estendeu por vários meses, em pedaços, sobre cogumelos. Ele havia dito que o que mais odiava na prisão eram os cogumelos. Por vários dias, ela se perguntou se ele se referia à comida, mas não fazia sentido que servissem cogumelos na prisão com tanta frequência a ponto de ser um problema, ou se ele tinha uma cela úmida com fungos brotando nos cantos, mas isso também parecia extremo, e aos poucos ela entendeu que de uma janela da cadeia ele conseguia ver cogumelos, do tipo boletos, e que costumava caçar esses cogumelos na floresta com a mãe quando era criança e isso o entristecia. Não sendo uma apreciadora de cogumelos, ela não tinha nada de subjetivo para dizer naquele momento, então lhe contou que John Cage também caçava cogumelos com sua mãe, quando criança, e escreveu um livro sobre isso, uma espécie de guia de cogumelos, que ela poderia lhe emprestar. Chandler não respondeu. Ela não sabia se ele lia livros ou conhecia John Cage. Conversar é precário. Agora, olhando para as peras de giz muito redondas e pálidas, os cogumelos lhe voltam à cabeça e ela diz, *Um dia, John Cage estava caçando cogumelos com sua mãe e depois de mais ou menos uma hora ela se vira para ele e diz, Podemos também ir à loja e comprar alguns de verdade.*

Chandler em silêncio. Ele está acrescentando toques de vermelho às peras, aqui e ali. Então de repente todos os seus cinco dentes riem. O riso explode de dentro dele e some. Ele volta a rabiscar. *Bemrápido bemrápido*, murmura para ele mesmo, e alguma coisa alguma coisa *coronhada* alguma coisa. Ela volta para a varanda e fica no último degrau. Agora começo de noite. Ainda quente. *Dia longo, Chandler*, ela diz para a nuca dele. Ele está descendo a calçada para fazer um novo desenho. Giz vermelho na mão, será uma raposa, ele gosta de uma raposa no fim do dia.

No andar de cima, ela se vê pensando de novo sobre o fracasso de nadar. Que pode ser tanto quantitativo quanto qualitativo. Imagina quantas piscinas, lagoas, lagos, baías, córregos, trechos de litorais nadáveis existem no mundo agora, provavelmente metade deles sem nadadores por causa da noite ou por negligência. Vazios, silenciosos, perfeitos. O desperdício, a extravagância – por que não se responsabilizar por isso? Por que não nadar em

todos eles? Um por um ou todos de uma vez, geográfica ou conceitualmente, salvo o reluzente Burt Lancaster, alguém deveria usar toda essa água. Do outro lado do oceano de sua mente, flutuam refugiados num barco de plástico improvisado tão entupido de passageiros que estão empilhados em camadas e despencando pelas bordas. Ela já tinha visto essa imagem. Tinha lido que navios maiores podiam passar bem perto, podiam parar para pesar o sofrimento e as possibilidades, depois seguir. Às vezes, garrafas de água ou biscoitos eram atirados dos navios maiores antes de voltarem a ligar os motores. O que ela poderia contrapor à desolação daquele momento, ao assistir ao navio ligar seus motores de novo. Qual é o preço da desolação e quem paga. Algumas perguntas não justificam um ponto de interrogação.

Passageiros. Passar. Passar no teste. Passar por cima. Ser passado por cima. Passar a bola. Passar a manteiga. Passar mal. Passar dessa para uma melhor. Ela está tomando iogurte quando a campainha toca. *Não sabia que essa campainha funcionava*, ela diz, limpando a boca com a manga enquanto vai até a porta. O Camarada Chandler gesticula com a cabeça em direção ao andar de baixo. Eles descem. *Tem iogurte na sua sobrançelha*, ele diz por cima dos ombros. *Ah*, ela diz, *obrigada*. O desenho finalizado da raposa está sob a luz do poste. Brilha. Ele usou um tipo de giz fosforescente e a raposa, nadando numa lucidez gelatinosa e azul esverdeada própria, escapa a todas as explicações possíveis. Ela encara o azul esverdeado. Tem clareza, umidade, frescor, a autoimersão profunda e iluminada da água. *Você fez um lago*, ela diz, virando-se para ele, mas ele já sumiu, agora é noite, foi para onde quer que vá quando é absolvido. Ela fica ali por um tempo assistindo à raposa nadar, revendo o dia, entrando e saindo. Estar viva é só esse entrar e sair. Ética mínima. Tente nadar sem se preocupar com as aparências. Cuidado com a zombaria, zombar é muito fácil. Ela sente uma brisa no rosto, um vento noturno. A raposa está nadando avante sem respingos. A raposa não fracassa.

Nosso agradecimento aos apoiadores da campanha
Colofão – Financiamento coletivo da Chão da Feira

Larissa Franco	Camila Lombardi Torres	Lucia Campos
Guilherme Gontijo Flores	Bernardo Esteves	Octavio Scapin Costa
Rosa Cristina Vieira	Gonçalves da Costa	Pereira
Silvia Amelia Nogueira	Rafael Barros Gomes	Marisol Barenco Mello
Mayara Blasi	Juliana Garcia Teixeira	Douglas Cristiano Silva
Debora Salomao	Mariana Mól	Filipe Costa Silva
Valeska Alves-Brinkmann	Paula de Souza Carmo	Diogo Silva Da Cunha
Rafael Camisassa	Milene Migliano Gonzaga	Ewerton Belico de Sousa
Patrícia Mourão	Maria de Fátima	Thiago Panini Primolan
Karine Assis	Junqueira Fenati	Sofia Salustiano Botelho
Lilian Jacoto	Guilherme Freitas	Claudia Gimenez
Ana Martins Marques	Bernardo Romagnoli	Victor Guimaraes
Elisa Marques	Bethonico	Nina de Figueiredo Brina
Michelle Santos Sena	Nadia Rodrigues	Aragon
de Oliveira	de Figueiredo	Rita Davis Cavalcanti
Aline Magalhães Pinto	Mariana Moura Cruz	Amir Brito Cador
Julia Baumfeld Machado	Mariana Zani	Natalia Timerman
Joao Guimaraes	Julia Panadés	Rafael Souza de Oliveira
Julia Raiz do Nascimento	Felipe Chemicatti	Mariana Lage
Lia Baron	Larissa Lins	Ana Paula Silva de Assis
Paulo Andre	Nathalia Scherer	Flavia Andrade Mafra
Felipe Magalhães	Diogo Cronemberger	Luiz Eduardo Araripe
Joana Tavares Pinto	Renata Hesseler Kreutz	Pretti Miranda
Maria Leite Chiaretti	Carla Maia	Rita Aragão de Podestá
Flávia Drummond Naves	Pedro Rena Todeschi	Fabiano Campelo
Carolina Junqueira	Leila Danziger	Bechelany
Mônica de Aquino	Laura Krebs Alvares	Icaro Ferraz Vidal Junior
Roberta Carvalho	Suzana Teixeira	Júlia Lopes
Romagnoli	de Macedo	Isabela Cristina Coelho
Desirée Kinoshita Ribeiro de	Maria Rita Drummond Viana	Amano Carmo da Mota
Oliveira	Reuben da Rocha	Isaac Pinto Firmino
Tatiana Blass	Ana Rabello	Pedro Meira Monteiro
Marcella Prado	Fernanda Regaldo	
André Guimarães Brasil	Herbert Baioco	
Paula Oliveira	Olivia Loureiro Viana	

Caderno de Leituras n. 185 | 2025

1=1

Anne Carson

Edição

Maria Carolina Fenati

Tradução

Cecília Rocha

Revisão da tradução

Julia Raiz

Preparação de texto

Fernanda Regaldo

Revisão

Andrea Stahel

Projeto gráfico

Luísa Rabello

Coordenação da coleção

Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Suisse Works e PP Neue Montreal

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, outubro de 2025

Esta e outras publicações da editora

estão disponíveis em www.chaodafeira.com